

O Gira-gira, ilustração Adriana Ezabella, 2020¹

¹ Essa ilustração é um presente da minha grande amiga Adriana Ezabella que, com seu talento e delicadeza, conseguiu transformar em arte a observação “As crianças que criaram o vento”.

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

ESPECIALIZAÇÃO em “A VEZ E A VOZ DAS CRIANÇAS: A ARTE DE ESCUTAR E
CONHECER NARRATIVAS, LINGUAGENS E CULTURAS INFANTIS”

ANDREA BARGAS

AS SURPRESAS DO BRINCAR

SÃO PAULO – SP

2020

ANDREA BARGAS

AS SURPRESAS DO BRINCAR

Trabalho de conclusão de curso apresentado À Casa Tombada – como requisito para o recebimento de Especialização em “A vez e a voz das crianças: a arte de escutar e conhecer narrativas, linguagens e culturas infantis”.

Orientadora: Adriana Friedmann

SÃO PAULO – SP

2020

Esse trabalho é dedicado à Dona Nega, minha querida avó.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Vida por me deixar viver e nela encontrar pessoas que me ajudam a compreendê-la, tornando-a mais leve, alegre e curiosa.

Agradeço à minha família que me dá colo e que me mostra, cada dia mais, sua fé para superar as adversidades.

Agradeço ao Lê, meu parceiro, por acreditar na minha força, me apoiar, entusiasmar, incentivar a correr atrás e por não desistir de nós!

Agradeço aos meus sobrinhos Cecília e Pedro, que foram as “cobaias” nos meus primeiros exercícios de observação, que me dão a honra de ser a Tia Dé e que me ensinaram a sentir saudade do tamanho da distância entre Maringá e São Paulo.

Agradeço a todos os professores do curso que me sensibilizaram e me despertaram para dar vez e voz às crianças.

À Adriana Friedmann que me deu vez e voz. Um exemplo de mulher, de educadora e de ser humano. Obrigada pela atenção, acolhidas, gestos de carinho e presença, minha mestra! Você me provocou e incentivou a entrar nessa jornada e serei eternamente grata por isso.

Agradeço às instituições Núcleo Menino Jesus e Santa Fé, que me abriram as portas e me deixaram experimentar estar no papel de observadora.

Agradeço às crianças que me deixaram vê-las e ouvi-las, que me deixaram chegar perto e me devolveram o contato com a minha criança interior. Desejo que a Vida seja gentil e amorosa com vocês!

Eu honro cada uma dessas crianças, inclusive a minha e a sua.

RESUMO

Este trabalho relata um percurso pessoal frente ao encontro com situações inusitadas e brincadeiras espontâneas em duas pesquisas de campo.

Busca trazer as imagens que emergiram a partir do olhar do observador frente a brincadeiras que entrelaçaram imaginação, corpo, elementos naturais, os sentidos e a música com algumas referências bibliográficas.

Traz como conclusão a importância do espaço, do tempo e da arte para a vivência plena da infância e a responsabilidade dos adultos em deixar que isso esteja no cotidiano das crianças. Assim, será possível nos surpreendermos com tantos dizeres impressos nos brincarés.

Palavras-chave: Infância. Brincadeiras. Imagem.

ABSTRACT

This academic work reports a personal journey in the face of encounters with unusual situations and spontaneous play in two field surveys.

It seeks to bring the images that emerged from the viewer's point of view interacting with play that intertwined imagination, body, natural elements, the senses and music with some bibliographical references.

It brings as a conclusion the importance of space, time and art for the full experience of childhood and the responsibility of adults to let this be in the daily lives of children. Thus, it will be possible to be surprised with so many sayings printed on the games.

Keywords: Childhood. Play. Image.

“Se eu tivesse alguma influência junto à fada que comanda o batismo de todas as crianças, eu pediria a ela que desse de presente a todas as crianças do mundo um poder de se surpreender tão indestrutível que durasse a vida toda”.

Carson (1993) *apud* Eaton (2015)

SUMÁRIO

1.	A ELABORAÇÃO E ENTREGA DO TRABALHO EM MEIO À PANDEMIA	10
1.1.	Contexto	10
1.2.	A pausa do mundo	10
2.	APRESENTO A MINHA TRAJETÓRIA	12
3.	A ESCOLHA DO TEMA E DO LOCAL DE OBSERVAÇÃO	15
4.	NÚCLEO MENINO JESUS	19
4.1.	O Núcleo Menino Jesus	19
4.2.	Minha chegada	21
4.3.	As crianças que criaram o vento	22
4.4.	Muralha da China – a construção de um brinquedo.....	28
5.	ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE SANTA FÉ	38
5.1.	A Associação Beneficente Santa Fé.....	38
5.2.	Minha Chegada	39
5.3.	Música, uma linguagem universal.....	39
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7.	BIBLIOGRAFIA	46

1. A ELABORAÇÃO E ENTREGA DO TRABALHO EM MEIO À PANDEMIA

Nesse capítulo exponho sobre a pandemia que atingiu o mundo, a Covid-19, uma doença causada pelo coronavírus SARS-COV-2 que apresenta infecções respiratórias.

Foi em um cenário de desespero e despreparo mundial, frente a uma doença desconhecida, que este trabalho foi construído.

1.1. Contexto

No final de 2019 a China anuncia o conhecimento de um novo vírus, que se alastra de forma rápida e atinge seus cidadãos de maneira nunca vista. No Brasil, o registro do primeiro caso foi em fevereiro de 2020.

Sem conhecimento sobre esse vírus, uma das medidas de segurança, e principalmente para que o sistema de saúde não entrasse em colapso, é o afastamento social.

Entramos em quarentena.

Todas as atividades, com exceção das essenciais como farmácias e supermercados, ficam suspensas.

1.2. A pausa do mundo

Os noticiários se voltam exclusivamente a tudo que diz respeito a Covid-19 e somos bombardeados com as tragédias desse vírus no mundo todo. Estamos vivendo uma pandemia. E é no começo dessa pandemia que dou início ao aprofundamento da escrita e da estruturação desse trabalho.

Poderia considerar que essa quarentena daria mais tempo para me dedicar às leituras e à escrita, mas esse seria no tempo cronológico, não o tempo das emoções. Para mim não houve nada além de parar, silenciar, tentar se acalmar e não surtar. Afinal, o mundo pausou.

Foi uma gangorra de emoções que vezes me travava, outras me dava desespero, dor, medo pela minha saúde, pela da saúde da minha família e amigos.

O mundo foi acumulando mortes e tudo que podíamos fazer era ficar em casa enquanto as pessoas da linha de frente, principalmente os profissionais de saúde, lidavam com a catástrofe.

Enquanto escrevo esse relato permanecemos em quarentena sem perspectiva de melhora, de voltar a ter algum tipo de vida “normal”, sem remédios ou vacina, com a diminuição de leitos de hospitais e aumento considerável de óbitos.

As pessoas começam a pedir e a prestar ajuda. Começa a existir um movimento de cooperação entre colegas de turma, amigos e familiares para que este isolamento seja apenas físico. Há mais ligações, vídeo chamadas e grupos de aplicativos de comunicação na tentativa de diminuir os impactos que essa pandemia nos causa.

Esse movimento alivia, coloca um pouco de paz na nova rotina e as vezes até impulsiona. E foi nesses impulsos que fui encontrando calma, às vezes mais às vezes menos, para me dedicar a este trabalho, na tentativa de honrar as pessoas que estiveram comigo, mas principalmente as crianças que me deram a oportunidade de adentrar em seus universos.

Foi em uma gangorra de emoções que finalizei este trabalho, com um desejo genuíno de amenizar a dor que o mundo está sentindo hoje, buscando lançar luz às crianças e as surpresas que podemos descobrir com elas.

2. APRESENTO A MINHA TRAJETÓRIA

Meu primeiro contato com a música foi aos 8 anos como aluna da banda do bairro onde morei. Meu primeiro instrumento foi a requinta, um clarinete p colo, e depois, um pouco mais crescida, comecei a tocar clarinete. Tive uma forma o erudita e fui instrumentista por 10 anos.

Nesse trajeto me encontrei com a educa o através da musicaliza o de crianças, jovens e adultos em projetos sociais e escolas particulares. Isso me estimulou a fazer gradua o em licenciatura em música. Com essa forma o comecei a entender e praticar a educa o musical como ferramenta de transforma o social e pessoal.

A partir de 2010 comecei a me afastar da docência e prática musical, mas continuei a ter contato com a educa o, mas agora de forma indireta, em um projeto social com algumas frentes de atua o, que não são a música.

Em fevereiro de 2018, comecei um curso online conduzido pela Adriana Friedmann: A vez e a voz das crianças.

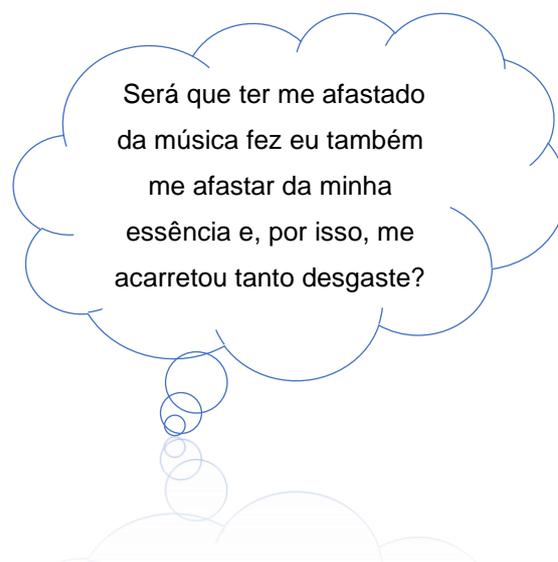
...existe razão por que minha singular pessoa está aqui e que há coisas de que preciso cuidar além da rotina diária...(Hillman, 1996, p. 14).

A partir da , mergulhei em alguns universos, mas principalmente em meu universo interior. Um grande labirinto se abriu com reflexões e inquieta es e me perdi, muitas vezes tentando me achar, na essência. Comecei a questionar muito e profundamente sobre minha voca o e minha essência na busca de um sentido.

Hillman (2009) em "O código do Ser", foi quem me deu esse alarme, me fez olhar para dentro e   minha volta.

Será que eu me afoguei na rotina e me distanciei da minha essência?
Será que estava acontecendo o tal chamado para um realinhamento da minha trajetória?

Esse chamado, segundo Hilmann (2009), é como uma reviravolta brusca nos acontecimentos ou pequenos desvios no curso de seu trajeto. E era isso que eu estava vivendo. Foram pequenos sinais, aos quais não dei importância, até que um acontecimento maior me fez parar. Era como se a vida me desse um chacoalhão. Ter contato com essa bibliografia, a primeira desse curso, me fez refletir sobre meus acontecimentos, a atenção que eu devia dar às pequenas intuições, às sensações e aos incômodos que me permeavam. Foi a ponta de uma nova história ou a retomada dela.



Isso não me fez exigir o encontro de respostas, me deu oportunidade de olhar de novo e mais fundo, de me perceber e me reconhecer no outro e nas minhas escolhas. Era o momento de parar e reavaliar, sentir o que vinha de dentro.

Com todos esses sentimentos fui convidada a participar da segunda aula do mesmo curso de pós graduação, que é inaugurado em formato presencial, e aceitei o convite. Fui completamente tocada. Saí do curso online e dei início ao presencial.

A cada encontro era uma janela que se abria, uma novidade, mais inquietações e muita vontade de me aprofundar nas delicadezas e surpresas das infâncias.

Me desliguei da instituição onde atuava para me dedicar a mim, à minha família, aos meus estudos e, quem sabe, à música. Mais intimamente, comecei a buscar a minha essência, pois sentia que havia me distanciado dela.

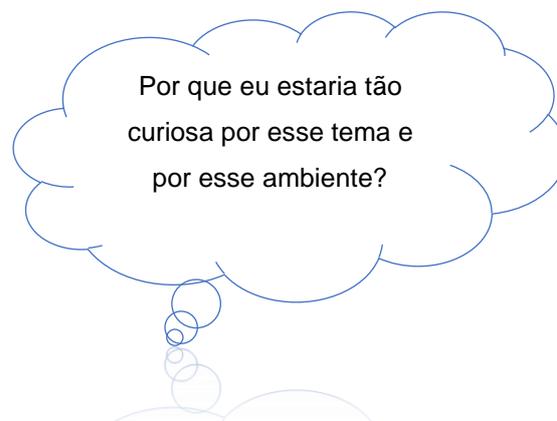
Foi uma grande mudança, difícil e dolorida, sentida no corpo e na alma.

Fui, e posso dizer que ainda estou, me fortalecendo aos poucos, no reconhecimento e aceitação das minhas fragilidades, das minhas dores, da minha potência, das minhas crenças e valores. As aulas e os encontros com mulheres tão intensas e com propósitos tão valiosos me ajudaram, me ajudam, e me fortaleceram, me fortalecem.

Por isso, esse trabalho entrelaça a minha trajetória, os sentimentos e percepções despertados, as experiências e aprendizados desse percurso e a contribuição de autores que me ajudaram, indiretamente, a construir esse relato, como Kramer (2002), Monteiro e Carvalho (2011), Mársico (1989) e Meireles (2015).

3. A ESCOLHA DO TEMA E DO LOCAL DE OBSERVAÇÃO

Com o avanço do curso, é chegada a hora de definir o tema do trabalho de conclusão (TCC). Nesse momento me deparei com uma curiosidade, um impulso em saber sobre o tempo do brincar de crianças nascidas em presídios. Mas, enquanto trocava essas ideias com as colegas de turma via em seus rostos um espanto e aquele ponto de interrogação: Por quê? Que difícil?! Nossa?! E isso me colocou mais uma questão:



Ao mesmo tempo, e digerindo mais essa ideia, tive muito receio em não “dar conta” dessa realidade. Me senti um pouco frágil e despreparada para lidar com algo tão distante da minha experiência, principalmente em um momento sensível e de mudanças na minha vida. Talvez por isso, desisti na primeira negativa em entrar em um presídio feminino.

Ainda me instigava observar crianças em ambientes diferentes do que já conhecia. Então, meu novo desafio foi entrar em um abrigo, em uma instituição de acolhimento. Foram algumas tentativas de aproximação, mas que foram negadas.

O tempo foi passando e, como eu não conseguia autorização de nenhum abrigo dos que entrei em contato, fiz minha primeira observação em uma instituição de contraturno escolar, tentando garantir conteúdo para meu trabalho.

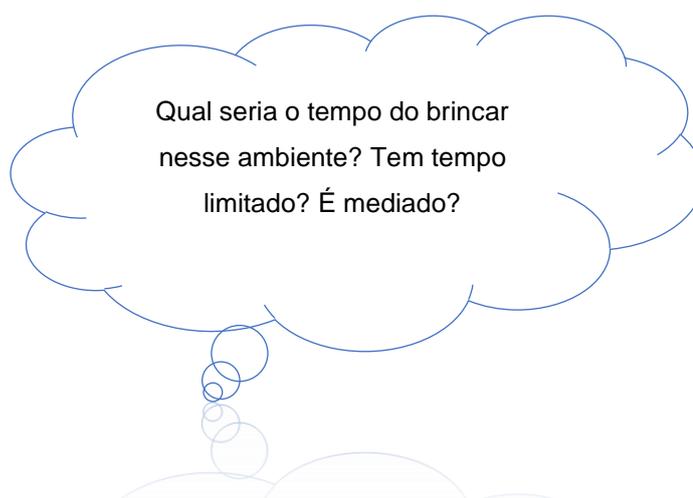
Como eu carregava 12 anos de história nesse tipo de instituição, queria estar em um lugar diferente, que fosse mais distante da minha experiência e, por isso, esse ambiente não era o meu objeto de observação desejado. Mas, ao estar em contato com aquelas crianças, percebi que não foi em vão.

A semelhança na estrutura e no atendimento me fez achar que as situações que poderiam ocorrer ali seriam familiares e, por isso, não me atrairiam a ponto de querer me debruçar sobre elas. Mas estava enganada. Cada criança é

um sujeito singular, que em grupo constitui um território particular e, apesar das semelhanças, o contexto da comunidade e localização da instituição eram completamente diferentes do que eu conhecia. Isso me deu a oportunidade de viver experiências e de me surpreender. O Trabalho de Silva (2014) me ajudou a compreender como o campo refez meu conteúdo pré-concebido e que eu poderia me abrir ao que o campo queria me mostrar.

Depois dessa observação, consegui ter acesso a um abrigo por meio de recomendação de uma colega do curso. Com algumas conversas, consegui a autorização.

O olhar seria direcionado para o tempo do brincar, mas de forma que esses momentos fossem manifestados pelas crianças e não a partir da minha intervenção e levaria comigo algumas perguntas:



O tempo do brincar era um tema latente nesse momento. Para mim, se fazia importante compreender como as crianças agiam ou reagiam com o tempo que lhes era dado ou retirado ao brincar. Mas, durante as observações, eu não consegui me conectar com esse tema. As mensagens que as crianças me passaram foram mais fortes. Mas eu ainda não sabia o que elas estavam tentando me dizer e me senti, enquanto observadora, despreparada.

De qualquer forma registrei o que meus olhos e minhas percepções conseguiram alcançar.

O Tema “Surpresas do Brincar” surgiu somente quando eu comecei a transcrever minhas anotações, observações e sentimentos à estrutura desse trabalho. Comecei a perceber também que ao contar sobre as experiências eu me emocionava com as situações surpreendentes e imprevisíveis para mim, e que

estas fugiam do olhar direcionado com que fui para esses ambientes institucionais. Se o inesperado nos encanta, conseguimos contá-lo no dia seguinte (Lameirão, 2019).

Apesar de escrever tudo que vi, ouvi e senti, foi na reflexão após o campo que encontrei a mensagem das crianças e construí a trama. Elas me deram um dos fios de um emaranhado de ideias e experiências para que eu o puxasse e enxergasse um novo elo (novelo) entre elas, a minha criança interior e a minha essência.

“O tecelão é, por excelência, aquele que une os fios numa trama. Tece com o tear de maneira cujas pequenas partes, rocas, pentes, novelos vão construindo, a paisagem que até então eram apenas fios enovelados em si mesmos...” (Ferreira Santos, 2204 **apud** Friedmann, 2013, p. 34)

Foram muitos encantamentos e o desafio foi enxergar uma conexão entre as situações presenciadas nas duas instituições para que eu pudesse alinhar essa narrativa sem perder os momentos preciosos.

Este trabalho é conduzido pelas minhas sensações e intuições, que fez eu me comunicar e captar mensagens a partir das brincadeiras, criações e relações das crianças e seus brinquedos. Foi um entrelaçamento entre o que elas me apresentaram e o que me afetou. Não houve criação de tempos e espaços exclusivos para a observação, houve o acompanhamento da rotina de grupos, sem interferência ou propostas pré estabelecidas, para que eu pudesse ter a chance de captar as manifestações mais espontâneas e genuínas.

Orientada pelo olhar, o ouvir e o sentir que, de uma forma simples, mas muito verdadeira e ainda cheia de questionamentos, relato as minhas surpresas a partir do brincar de crianças com as quais estive em um período curto e intenso, do Núcleo Menino Jesus e do Programa de acolhimento Minha Casa da Associação Santa Fé.

Assim, abro e fecho este trabalho com as músicas Catira do Passarinho e Alecrim Dourado que se fizeram presentes no processo do curso e do campo, honrando e preservando as crianças e seu espaço sagrado (Lameirão, 2019²).

Com respeito a essas infâncias, faz-se aberto este campo sagrado para contar um pouco sobre as “Surpresas do Brincar”.

Catira do passarinho³

Celso Pan e Jacqueline Baumgratz

No pé da laranjeira

Tem um ninho de barro

Pode ser do João, João de barro

Pode ser do João, João de barro

Sabiá laranjeira

Tem um peito dourado

Voa, canta canção pros namorados

Voa, canta canção pros namorados

Queria ser passarinho

Pra poder olhar pra baixo

Ver tudo pequenininho

Casa, cavalo, riacho

Ver tudo pequenininho

Casa, cavalo, riacho



Foto nº 1 - Ilustração Andrea Bargas, 2020

² Luiza Lameirão, em aula ministrada na “Casa Tombada” em 29 de junho de 2019, que tratou da importância do inesperado que encanta.

³ Agradeço à colega Kátia Matunaga que, ao cantar essa música, trouxe lindas lembranças das aulas que ministrei de musicalização para crianças.

4. NÚCLEO MENINO JESUS

Esse capítulo foi dividido em quatro partes. Na primeira foi realizada uma apresentação da estrutura física e funcionamento do Núcleo Menino Jesus. Na segunda parte foi relatada minha percepção da instituição levando em conta minhas expectativas e ansiedades. Na terceira e quarta partes relato as observações intituladas “As crianças que criaram o vento” e “A Muralha da China – a construção de um brinquedo”, e as relações entre imagem, imaginação, corpo, ar, terra e água.

Em “As crianças que criaram o vento” e “A Muralha de China – a construção de um brinquedo” busquei um fio norteador entre o brincar, o brinquedo, os elementos envolvidos, a imaginação das crianças e as imagens que minhas percepções e sentimentos puderam alcançar frente aos desdobramentos inusitados do brincar e alguns autores que permearam meus estudos.

Além das observações que serão mencionadas no capítulo, houve outras situações ocorridas durante a semana de convívio com o grupo, como brincadeiras de casinha, construção de brinquedos com papelão, brincadeiras no pátio e contação de histórias, que mereceriam ser contadas. Mas, ao ler e reler minhas anotações, poderia dizer que as crianças me chamaram para os desdobramentos inusitados das brincadeiras “As crianças que criaram o vento” e “A Muralha da China”.

Para preservar a identidade das crianças, os nomes citados nesse trabalho são fictícios.

4.1. O Núcleo Menino Jesus

O Núcleo Menino Jesus atende crianças e adolescentes em regime de apoio socioeducativo em contraturno escolar. Situado na cidade de São Caetano do Sul é mantido pela prefeitura da cidade, por meio de doações e de editais que seus projetos são submetidos.

A instituição recebe crianças e adolescentes vulneráveis residentes na cidade. Os critérios de vulnerabilidade são renda e ou falta de um responsável pela criança no contraturno escolar.

A estrutura física da instituição possui salas de aula, um amplo refeitório (que às quintas feiras é dividido com as aulas de circo), um laboratório de informática, uma sala de judô, uma sala de ballet, banheiros, salas administrativas e um grande espaço externo com brinquedos, mesa de ping-pong, horta e um gramado com traves de futebol.



Foto nº 2 – Espaço externo – Andrea Bargas, 2019



Foto nº 3 – Brinquedos pátio externo – Andrea Bargas, 2019

Com equipe multidisciplinar, o Núcleo trabalha com a missão de fortalecer famílias em situação de vulnerabilidade social através da participação no processo de desenvolvimento de seus filhos.

4.2. Minha chegada

Estive na Instituição em setembro de 2019 a procura de um responsável que pudesse conversar sobre meu trabalho e autorizar sua realização.

Bati à porta sem dia e horário marcados e fui bem recebida pelo coordenador e pela psicóloga da Instituição. Ambos me contaram sobre os projetos e trabalhos desenvolvidos ali. Se mostraram interessados pela pesquisa e me autorizaram estar com as crianças da turma laranja, de 7 a 10 anos do período da tarde, entre os dias 16 e 21 de setembro de 2019.

“Toda véspera de trabalho de campo mobiliza, inquieta, suscita expectativas” (Silva, Barbosa e Kramer, 2006, p. 87).

Entre o primeiro contato e o início da pesquisa transcorreram 5 dias de muita expectativa. Estava insegura sobre a relação que estabeleceria com a educadora e com as crianças e se algo me chamaria atenção para que eu pudesse realizar minha pesquisa. Também tinha dúvidas em relação a minha capacidade de distanciar e silenciar diante do que me seria apresentado na convivência com as crianças. Era a abertura para uma grande experiência e estava disposta a fazer este exercício com respeito e atenção.

As situações vividas com as crianças dariam uma sequência de reflexões e outros tantos questionamentos, mas destaquei somente duas, pois foram essas que me conectaram a sentimentos e sensações adormecidas e me surpreenderam com um sobressalto, daqueles que prendemos o ar e arregalamos os olhos!

4.3. As crianças que criaram o vento

Ao subirem para a sala finalizaram a atividade iniciada na semana anterior: uma pipa.



Foto nº 4 - A pipa - Andrea Bargas, 2019

Deram os últimos retoques e logo desceram para o pátio.

As crianças foram para o gramado e começaram a correr. O dia era de muito sol e pouco vento, mas isso não impediu que as crianças tentassem levantar suas pipas. E foram muitas as tentativas, mas em vão. Com pouco vento as pipas não subiram.



Foto nº 5 – Tentativa - Andrea Bargas, 2019

Até que Anna teve a grande ideia! Pegou sua pipa, subiu no gira-gira e começou a girar e a girar, levantando sua pipa e gritando: - consegui! consegui! minha pipa voa!

Outras meninas foram se aproximando, colocando suas pipas para cima e rodando o gira-gira cada vez mais rápido.

Nesse momento houve uma excitação geral! As pipas não ganharam o céu como de costume ou como elas esperavam, mas rodopiaram e subiram numa altura suficiente para satisfazer aquelas meninas. Era como uma coreografia.

Eu, parada e olhando para aquele acontecimento, pensei: As crianças criaram o vento!

Aquela realidade acabara de dar espaço para a minha imaginação (criei

“As sensações são o grande veículo para percebermos a nós mesmos, os outros, lugares e climas” (Friedmann, 2013).

a fantasia de que as crianças inventaram o vento!) e me reconectou com o frio na barriga que eu sentia, quando criança, ao girar nesse brinquedo, quando jogava o corpo para trás e levantava os pés enquanto as outras crianças faziam o brinquedo girar mais rápido. Foi um “déjà vu”.

Foi a partir dessas sensações que comecei a me conectar com as crianças e com a satisfação em observar o elas queriam me contar.

A pipa – brinquedo que carrega nossa cultura, feito de papel e que se lança ao vento, segurado por um fio, não foi brincado como de costume pela falta de um elemento importante: o vento. Este brinquedo foi ao encontro de outro: o gira-gira - de movimento circular que gira horizontalmente quando empurrado, que poderia simbolizar um jogo de roda, reuniu aquelas meninas, formou um grupo com o objetivo de empinar a pipa. Para isso acontecer foi necessário um terceiro brinquedo: o corpo – a unidade orgânica, que ocupou o espaço entre o chão e o ar e promoveu o acontecimento de uma nova maneira de empinar pipa.

Formou-se uma imagem, uma representação que adquiriu outra dimensão a partir do meu olhar, que me remeteu a uma dança onde os corpos, que estavam entre o chão e o ar, se organizaram em um movimento único, coletivo, fazendo com que as crianças chegassem ao objetivo da brincadeira: colocar as pipas no alto (Friedmann, 2016).

A relação entre chão e ar remete ao trabalho de Piorski (2016), que estabelece os quatro elementos (água, terra, fogo e ar), habitantes da imaginação, como códigos de expressão da vida. Imaginar pelo ar é a materialidade da leveza, dos voos e imaginar pela terra é enraizar no mundo, na vida social.

Estaria aqui a representação da imaginação das crianças, na dança entre pés enraizados no mundo, nos corpos em movimentos sincronizados na busca da leveza do voo e da suspensão, e nos elementos terra e ar exaltando o brincar.

Como princípio de grupo, onde o gira-gira representaria a roda que, segundo Novaes (1994), é um todo que se pertence, se movimenta e que se satisfaz na brincadeira, as crianças me apresentaram uma imagem que envolveu o chão, o corpo e o ar, como expressão de vida, com a força de um brincar puro, poético e natural que fez eu me sentir feliz com a alegria delas e com a reconexão com a minha criança interior e minhas memórias dos prazeres ao brincar.

Enquanto observadora, comecei a romper barreiras, abrir algumas janelas e dar lugar às minhas sensações e percepções. Foi mais um avanço no exercício de olhar para os gestos, para as expressões corporais e ouvir, atenta e silenciosamente, os dizeres permeados nesses gestos e expressões para captar as sutilezas entre a formação de imagem e o imaginário das crianças. Estava adentrando no universo antropológico, esta ciência que estuda o ser humano com um microscópio e que, ao estudar e observar o outro, olha para si.



Foto nº 6 – Gira pipa I, Andrea Bargas, 2019



Foto nº 7 – Gira pipas II, Andrea Bargas, 2019



Foto nº 8 - Gira pipas III - Andrea Bargas, 2019



Foto nº 9 - Gira pipas IV - Andrea Bargas, 2019

4.4. Muralha da China – a construção de um brinquedo

A Muralha da China foi erguida durante anos para proteger a China dos povos do norte. Construída por milhares de camponeses, que trocavam seu trabalho pela liberação de seus impostos, a Muralha foi feita de tijolos de barro e servia como depósito e abrigo militar (Lombardo, 2009).

O dia era de muito sol.

Mesmo mais distante, conversando com as educadoras, percebi que havia crianças compenetradas, brincando com a areia do espaço das balanças.

Fiquei curiosa com o que conseguia enxergar. Pedi licença às educadoras e fui até lá.

A brincadeira era uma competição de quem conseguia fazer a maior Muralha da China. Essa “disputa” era entre duas meninas e dois meninos.

Diogo – um menino de 9 anos, de pele clara e cabelos loiros - e Mateus – da mesma idade, moreno de cabelos castanho escuro - estavam levando muito a sério aquela brincadeira.

Juntavam a terra tentando fazer um montinho e depois modelavam, tentando fazer a muralha ganhar altura. Era um trabalho sincronizado, de gestos delicados, porém firmes. Tentavam superar a dificuldade em modelar a terra seca.

Era como um jogo entre o recuo e as tentativas de avanço com um elemento que, disponível em sua forma natural, não contribuía para a concretização do brinquedo, do objeto idealizado.

Foi com persistência do modelar da terra seca e do trabalho das mãos que eles ficaram algum tempo.

“Os brinquedos da terra são artefatos do recuo ou do avanço, do limite ou da superação, da luta corpórea e muscular, do enredo manual entre a força e a maleabilidade” (Piorski, 2016, p. 10).



Foto nº 10 - Terra - Andrea Bargas, 201



Foto nº 11 – Modelando – Andrea Bargas, 2019

As meninas “competidoras” estavam com garrafinhas de água (a maioria das crianças carregavam suas garrafas o tempo todo devido ao calor que fez aquela semana) e começaram a molhar a terra tornando sua muralha mais firme.

Nenhum dos dois meninos tinha garrafinha e, mesmo assim, continuaram tentando amontoar mais e mais terra. Até conseguiram dar alguma forma àquele “montinho”, mas não foi suficiente.

As meninas logo conseguiram montar sua Muralha e saíram dali.

Diogo, não satisfeito com o aquele resultado, se afastou por um instante. A princípio, eu não entendi o que ele estava fazendo e confesso que não dei atenção. Continuei ali, com a atenção no Mateus que amontoava terra.

Diogo, voltou correndo com a boca cheia e despejou todo o conteúdo no montinho de areia que seu amigo modelava.



Foto nº 12 - Jogando água - Andrea Bargas, 2019

Paralisei.

Possivelmente, Diogo se atentou ao que as meninas haviam feito e o quanto isso havia ajudado a levantar depressa a muralha e a deixá-la firme, e, de

repente, resolveu seu problema: utilizou o objeto que tinha à disposição, o seu corpo, e o melhor guardador de água - sua boca!

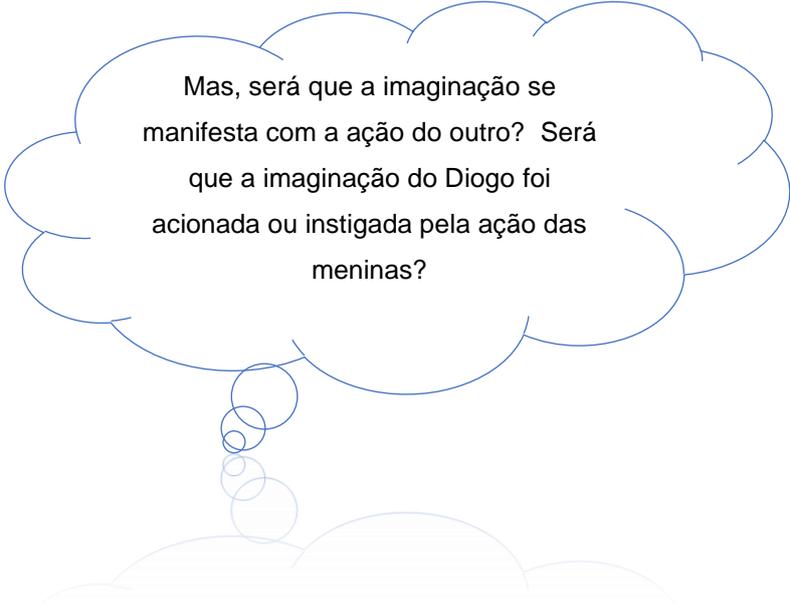
“A criança é criatura de ferramentas...um menino imaginador é um menino apetrechado.

Segundo Bachelard: o homem de apetrechos” (Piorski, 2016, p.102).

Sim, a criança é uma criatura de ferramentas como Piorski (2016) nos fala.

A vontade e perseverança fez com que esse menino desse espaço para sua imaginação, utilizasse uma ferramenta tão disponível quanto, de certa forma, curiosa (curiosa porque não foi esse modelo apresentado pelas meninas), e isso o ajudou a concretizar seu objetivo.

Foi possível enxergar, nessa brincadeira, o recuo e o avanço, a superação e o enredo manual.



Mas, será que a imaginação se manifesta com a ação do outro? Será que a imaginação do Diogo foi acionada ou instigada pela ação das meninas?



Foto nº 13 - Concretizando - Andrea Bargas, 2019



Foto nº 14 - Mãos - Andrea Bargas, 2019

Esse evento me fez rir internamente e balançar a cabeça negativamente me surpreendendo, novamente.

Olhei para o lado e percebi que nenhum outro adulto testemunhou. Como eu queria que muitos tivessem visto!

A brincadeira continuou e, no meu entendimento, estava combinado: Mateus era o responsável em modelar a areia e Diogo em buscar a água.

Mateus passou a dar consistência à areia com as mãos, antes de juntá-la à Muralha. Diogo, voltou mais uma vez com a boca cheia de água e Mateus, dessa vez, estendeu as mãos para frente e falou para o amigo despejar a água em sua mão. Diogo arregalou os olhos e começou a gesticular com o corpo em negativa e o amigo insistiu para ele despejasse a água. Diogo continuou gesticulando negativamente e com cara de nojo. Foram 3 tentativas de convencer o amigo, até que Diogo cedeu e despejou a água na mão de Mateus que, com tranquilidade, continuou a modelar a areia.



Foto nº 15 - Despejando água - Andrea Bargas, 2019

Ao se desfazer daquele líquido, que já o estava sufocando, ainda ofegante e tentando retomar o fôlego, Diogo disse ao amigo:

- Essa foi a coisa mais nojenta!

Mateus sacodiu os ombros e seguiu construindo a Muralha.

Ficaram nessa brincadeira por uns 30 minutos quando uma das educadoras ligou uma mangueira e começou a esguichar água nas crianças. Diogo e Mateus correram para lá para brincar com os demais.

Achei que a Muralha já era um projeto do passado, que abandonariam aquela obra. Mas não. Quando a educadora deu por encerrada a brincadeira com a mangueira os meninos voltaram à Muralha e finalizaram o projeto. Quando pedi para tirar uma foto eles resolveram dar um toque especial e correram para achar algo que pudesse servir de bandeira. Voltaram com uma folha, ajustaram e, por fim, se levantaram e abandonaram a obra, seguindo o pedido da educadora para voltarem para a sala. Sem nenhum problema, deram a brincadeira por encerrada.



Foto nº 16 – Bandeira, Andrea Bargas, 2019



Foto nº 17 – A Muralha, Andrea Bargas, 2019

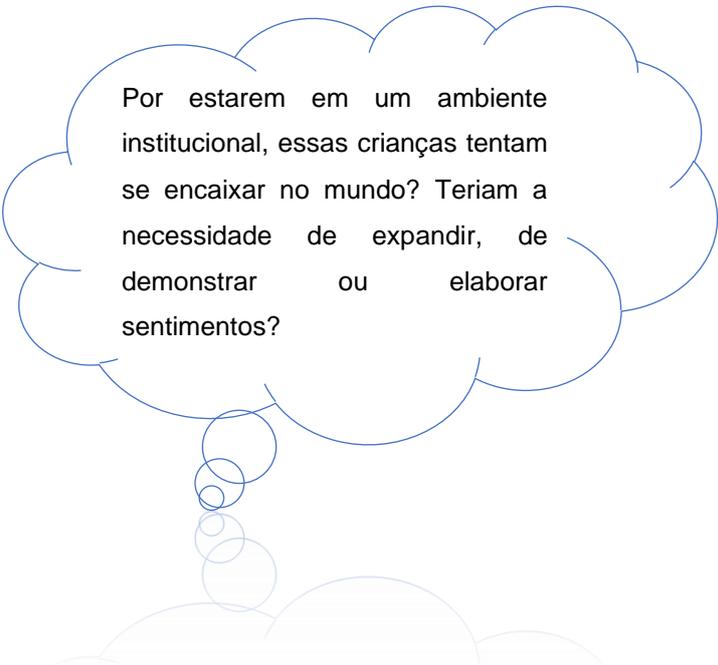
Quanta magia, sutileza e nuances em uma brincadeira sem algum diálogo. Foi tudo organizado e realizado sem discussões ou combinados pré estabelecidos.

Novamente se deu, para mim, a imagem de uma dança que envolveu os elementos naturais em sintonia com o corpo que resultou uma produção material que se remeteu a um contexto histórico. Não sei dizer se esses meninos tinham conhecimento sobre a história da Muralha da China. Poderia dizer que aconteceu uma relação entre o imaginário e o brinquedo que se constrói à imagem do trabalho. Que houve labor de mãos que juntaram a terra, formaram o barro e criaram o tijolo, assim como nos conta a história da Muralha. Meninos artesãos, que tinham olhos nas mãos, manusearam um elemento natural, buscaram soluções e se empenharam em busca de seu objetivo tendo a boca como seu apetrecho (Piorski, 2016).

Foi como dançar uma música com ouvidos atentos que cadenciou entre pontos de tensão e relaxamento, entre corpos, natureza e imaginação.

Aparece, novamente, o imaginar pela terra, aquele que enraíza no mundo, na vida social, o imaginar pela água, que germina o corpo emocional, fluído,

entregue a sentimentos e o corpo, a unidade orgânica, o nosso aparelho de percepção.

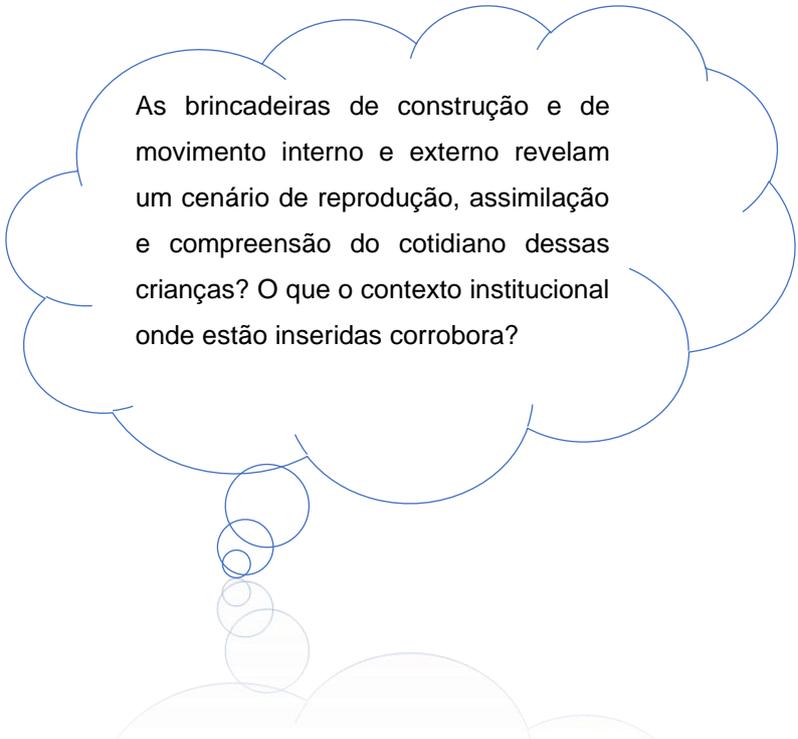


Por estarem em um ambiente institucional, essas crianças tentam se encaixar no mundo? Teriam a necessidade de expandir, de demonstrar ou elaborar sentimentos?

No corpo, observei, em especial, o tato, “a mãe dos sentidos” (Piorski, p.111, 2016). Sendo o tato a porta para o mundo, o principal sentido, é o que nos constitui e o que nos comunica com o mundo.

Segundo Piorski (2016), “Cheirar, ouvir e saborear exigem o toque com o meio exterior. Até o olhar alcança o meio com uma espécie de tatilidade”.

Diogo e Mateus, tatearam a terra com as mãos e a água com a boca. Entraram em (con) tato com a imaginário pelo corpo para a construção e materialização de um brinquedo. E isso foi possível por estarem em um contexto que permitiu um brincar livre, com tempo largo e ambiente natural.



As brincadeiras de construção e de movimento interno e externo revelam um cenário de reprodução, assimilação e compreensão do cotidiano dessas crianças? O que o contexto institucional onde estão inseridas corrobora?

Esses questionamentos poderiam trazer várias respostas a respeito da convivência entre as crianças e a rotina na instituição, do núcleo familiar e dos acessos ao conhecimento. Mas, minha intenção não era analisar e não podia fazê-lo, pois não tinha nenhum conhecimento prévio sobre a vida e o acesso ao conhecimento das crianças, do que elas mais gostavam de brincar e qual o contexto familiar que faziam com que elas estivessem matriculadas na instituição. A intenção era fazer deixar aflorar interesses sobre brincadeiras espontâneas, que durante seus desdobramentos se tornaram surpreendentes, e buscar relacioná-los com estudos e pesquisas já existentes.

Durante minha passagem pelo Núcleo Minino Jesus, registrei outras situações que se relacionam com as que relatei nesse trabalho. Diogo e Mateus, por exemplo, se mostraram empreendedores de coisas e artesãos em outras tantas brincadeiras além dessa. Eles, como as outras crianças, entrelaçaram a imaginação com a criação, com o ambiente e com os materiais que tiveram disponíveis.

Se manifestaram por meio da matéria, dos elementos e dos sentidos.



Foto nº 18 - A despedida - Andrea Bargas, 2019

5. ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE SANTA FÉ

Esse capítulo foi dividido em três partes. Na primeira parte apresento a Associação Santa Fé, o Programa de acolhimento Minha Casa e sua estrutura. Na segunda parte relato minha chegada, as minhas expectativas e possíveis desafios. Na terceira parte relato a observação intitulada “Música, uma linguagem universal”, a partir de uma relação com uma criança por meio da música.

Durante os sete dias que frequentei o programa, houveram algumas situações que me chamaram a atenção e que eu poderia e teria muitos elementos para discussão como, por exemplo, a visita de famílias e o quanto isso muda o comportamento das crianças e jovens, a relação dos jovens com os educadores e a história que uma adolescente me contou sobre ser mãe de uma criança que mora na Casa e que, posteriormente, descobri não ser verdadeira. Mas, fui atravessada por um acontecimento que não estava previsto e que me colocou de volta à minha essência, ao reencontro com a música. Me fez pensar que talvez fosse esse o motivo de eu ter chegado àquele lugar. E era sobre isso que eu precisava contar.

5.1. A Associação Beneficente Santa Fé

Associação Beneficente Santa Fé tem como missão incluir crianças e adolescentes que enfrentam situações pessoais ou sociais de risco, na categoria universal de crianças e adolescentes comuns e totais, provendo-lhes um ambiente seguro e adequado ao seu desenvolvimento, respeitando suas particularidades e implementando modelos de atendimento que garantam a defesa e a promoção dos seus direitos e de suas famílias.

Localizada em um bairro da zona Sul acolhe crianças e jovens vítimas de maus tratos na cidade de São Paulo com atendimento multidisciplinar em seus diversos programas.

Um de seus Programas é o Minha Casa que recebe as crianças e jovens em um sobrado organizado em uma sala de tv, uma cozinha, uma sala de refeições, banheiros, salas administrativas, uma lavanderia, um solário com tela (usado para

jogar bola e estender roupas), uma varanda-brinquedoteca, três quartos para meninos no térreo e três quartos para meninas no segundo andar.

5.2. Minha Chegada

Com indicação de uma colega de curso, conheci a Associação. Foram três conversas até que minha entrada para a observação fosse autorizada.

O papel de observadora me colocou um sentimento de muita responsabilidade por ser uma “estrangeira” sem linguagem e conhecimento para estar ali, por, talvez, me deparar com alguma situação delicada entre as crianças e suas fragilidades sociais e não saber como lidar com ela, e pela minha capacidade de dar vez àqueles jovens e crianças que, de certo modo, estão fora de alguns contextos sociais. Vale destacar que eu não sabia e não procurei saber sobre qualquer história de vida ou o porquê de precisarem ser afastados de suas famílias. Assim, fui sem qualquer conhecimento prévio sobre as histórias de vida das crianças e adolescentes do Programa.

Realizei 5 visitas, em dias seguidos, entre 11h30 e 14h00 no Programa Minha Casa que oferece moradia para 22 crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, vítimas de abuso ou violência doméstica.

5.3. Música, uma linguagem universal

Isabel, uma menina de 6 anos, magrinha, de cabelos castanho curtos e ondulados, se aproximou de mim desde o primeiro dia de observação. Meiga e muito controladora de seus brinquedos e brincadeiras, me convidou para sentar ao seu lado durante o almoço daquele dia.

Assim que terminou sua refeição Isabel foi se trocar para ir ao médico tirar o gesso de sua mão direita, pois tinha caído do sofá enquanto brincava há uma semana.

Ela voltou arrumada e, enquanto esperava para sair, se sentou em meu colo, de frente para mim e com as pernas em volta à minha cintura. Instintivamente comecei a balançá-la, de um lado para outro, sutilmente e comecei a cantar bem

baixinho, quase sussurrando, a música Alecrim Dourado. No início ela acompanhou olhando profundamente em meus olhos, com o mesmo tom suave, o mesmo ritmo e articulação de palavras.

Percebi seu corpo relaxando, ficando pesado sobre o meu e sua cabeça deitando-se sobre meu peito. Continuei repetindo a música e entramos em um estado de entrega total. Até que ela adormeceu em meu colo.

Enquanto me olhava, percebi que mergulhava em um espaço interno que lhe proporcionou um total relaxamento, verbalizado com o corpo, se aninhando em meu colo até adormecer. Possivelmente ela voltou ao sentimento de acolhimento, um dos sentimentos proporcionados pela música.

Gainza (1998) nos fala sobre a música engendrar sentimentos e promover intensa atividade mental. Se a construção da linguagem musical se dá desde as mais

remotas lembranças de infância, como um arquivo de expressões, afetos e experiências de vida, possivelmente a Isabel acessou seu arquivo, recordou momentos, sensações e sentimentos. Ou, o contato com uma linguagem que lhe faz falta gerou sentimentos que ficarão arquivados em sua memória e que, certamente, ela poderá acessá-los tantas vezes quando necessário.

A música, essa linguagem universal, dá acesso à imaginação, às fantasias, organiza, integra. É gesto, corpo e movimento. Desenvolve aspectos sensoriais, afetivos e mentais.

Naqueles dias de observação não houve qualquer presença de música na instituição. Que diferença seria se essa linguagem estivesse presente na rotina daquelas crianças! O que poderia ser ressignificado, elaborado, imaginado, sonhado ou brincado através da música?!

Foram poucos minutos embalando a Isabel até que uma educadora, que estava do outro lado do pátio, viesse ver o que estava acontecendo, perguntando, um pouco surpresa com a cena, se ela havia dormido. Nesse momento, ela despertou.

“O processamento dos materiais sonoros e musicais se dá no interior do sujeito, de tal forma que a energia proveniente da música absorvida metaboliza-se em expressão corporal, sonora e verbal, engendrando diferentes sentimentos, estimulando a imaginação e a fantasia, promovendo, enfim, uma intensa atividade mental” (Gainza, 1988, p. 30).

Foi uma fresta de doação e confiança, que parou o tempo me fazendo entender que poderia ser esse o motivo da minha passagem pelo Programa Minha Casa: embalar uma criança.

Não houve surpresa com o brincar, houve uma troca: eu ofereci calma, um acalanto para uma menina que, em seus gestos, me mostrou o que precisava. Ela me reconectou com minha essência, com os meus valores e propósito de vida.

Além da troca, a surpresa também foi a entrega, tanto minha quanto dela. Foi como dar e receber um presente. O que recebi me fez chegar, quem sabe, mais perto da minha essência! O que ofereci foi tempo de música para uma criança.

O que aconteceu não foi registrado em foto ou vídeo. Não tive como me separar daquela situação e registrá-la a partir de uma lente. Foi também uma decisão não fazer. Esse registro estará em meu arquivo, em um lugar daqueles bem especiais, para quando eu o acessar resgatar os sentimentos de afetividade, amor e gratidão vividos com a Isabel.

Nesse dia, voltei para a minha casa pensando que esta criança, que eu talvez nunca mais encontre, fez eu entender todo o meu percurso e que a música precisa estar presente na minha vida e na vida das crianças.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de sentir certo constrangimento na chegada e ansiedade pela aproximação com as instituições e com as crianças, percebi que este processo é interno. Vai muito além do observar o outro. É observar a si mesmo enquanto observa o outro.

Algumas sensações vieram à tona manifestando minha criança interior.

Não foi fácil ter qualidade na presença, ficar isenta, não julgar e desprender de conceitos pré-estabelecidos. Foi um exercício de atenção aos pequenos detalhes e às situações que, à primeira vista, pareceram não fazer sentido ou não serem muito importantes. E precisei de tempo para que o encanto e a surpresa acontecessem.

Foi como um novelo de lã desfeito que fui enrolando cuidadosamente, deixando surgir uma nova forma construída conforme o meu olhar e presença, com minhas vivências sendo revivenciadas. Foi com olhar que carrega coisa viva que pôde dar novo formato ao novelo naquilo que me foi possível, naquele momento.

Desde o início dessa jornada foram muitas surpresas, sentimentos, desafios, decisões, encontros e descobertas.

Conheci e me relacionei com pessoas incríveis que levarei para a vida. Senti alegria, medo, ansiedade, euforia, gratidão, entusiasmo e muita responsabilidade.

A cada encontro me descobri mais no contato e na surpresa no outro.

Tudo foi vivido com o corpo e com a alma.

Enquanto observadora iniciante, fui expectadora de várias histórias que poderiam ser contadas de outras tantas formas, mas relatei o observei, percebi e vivi conforme o meu olhar, a minha escuta e experiências vividas naqueles momentos. Eram as ferramentas que eu tinha à disposição.

Relatei fragmentos de histórias contadas nas brincadeiras de crianças que talvez não encontre mais. Histórias e protagonistas que me afetaram e me influenciaram para a mudança de postura e de olhar frente ao sutil, ao micro, às surpresas e à gratidão por estar presente, naquele momento.

A Anna e as meninas empinando pipa no gira-gira me apresentaram a imagem do corpo entre o que é raiz e o que é o sublime, mostrando uma dança

engajada, coletiva. Me devolveram a capacidade de criar e imaginar, a partir da criação e imaginação delas, e o frio na barriga das minhas brincadeiras de infância.

Durante os desdobramentos de suas brincadeiras, me apresentaram uma imagem de dança que poderia retratar a relação entre o imaginário, o ar, o chão e o corpo, de uma maneira sutil, mas elaborada.

Essa relação presente também esteve na Muralha da China.

Diogo e Mateus me contaram, por meio da construção de um brinquedo, o quão valioso é a relação entre o imaginário, o corpo, a terra, a água, a criação e a persistência. Foi a situação mais inusitada entre as relatadas no trabalho. Talvez porque eu fiquei concentrada no brinquedo e não abri meu olhar para o todo, não acompanhei o movimento do Diogo até o bebedouro. Mas não tinha como saber e foi assim que se deu o inesperado.

Foi a partir desse episódio que eu pude perceber melhor as manifestações desses meninos em outras brincadeiras durante minha passagem pela instituição e que todas elas envolveram construção, corpo, matéria, criação e persistência. Meninos engenheiros que criaram narrativas com “olhos na mãos”.

Não sei é possível responder às questões que emergiram dessas duas observações, como a relação entre o brincar, a construção de um brinquedo como ferramenta de elaboração de sentimentos e o fato de estarem em uma instituição de contraturno escolar. Mas, arriscaria responder que o ambiente provoca comportamentos, sentimentos e sensações e que, a partir dele, o corpo responde e a mente elabora, materializando na brincadeira ou na construção de um brinquedo. Acrescentaria que o ambiente também dá oportunidade para que esses sentimentos e elaborações aconteçam.

Toda a estrutura, os profissionais e a rotina me mostraram que existia a valorização de uma brincar livre e a preocupação em preservar o tempo e o espaço adequados para que esse brincar acontecesse sem interferência ou finalidade pedagógica. As crianças tinham um terreno amplo, com grama, terra e brinquedos para explorarem. Isso, eu acredito, que ajudam as crianças a elaborarem suas emoções e acontecimentos de suas vidas.

Diferente das observações com Anna, Diogo e Mateus, relatadas anteriormente, a experiência de observação com a Isabel, no programa de

acolhimento Minha Casa a surpresa, o inusitado foi silencioso, sentido em um lugar mais calmo e fraterno.

Na minha trajetória embalei algumas crianças durante as aulas de musicalização para bebês, por exemplo. Mas, talvez pela distância desse acontecimento ou por não esperar que isso pudesse acontecer nessa situação, o que relatei com a Isabel se fez surpresa pela situação em si e pelo que ela trouxe de significado para minha trajetória. Talvez aqui, eu consiga responder às minhas questões sobre ter me afastado da música e o realinhamento com minha trajetória.

Para a Isabel, pode ter sido um respiro, um acolhimento ou o resgate de alguma lembrança que traz calma e relaxamento. Para mim, essa criança devolveu as melhores sensações vividas enquanto educadora musical, me resgatou e me devolveu ao trilho. Mostrou quanto a música precisa estar presente na minha vida, em nossas vidas, mas, principalmente na vida das crianças que estão no momento da imaginação, da contemplação, dos sonhos, das interações e elaborações.

Concluo que as crianças precisam de espaço, tempo e arte para que possam viver plenamente suas infâncias. Nós, adultos, temos que ter tempo, espaço e abertura para as surpresas, pois que elas acontecem no miúdo, entre frestas e cantos, entre a agitação e o silêncio. Precisamos de cuidado e reverência às crianças.

Elas me mostraram, através de seus brinquedos e brincadeiras, a capacidade que têm de afetar o outro e de se refazerem.

Agradeço a cada uma das crianças que me permitiram adentrar em seu mundo, mesmo que por tão pouco tempo, de maneira espontânea, sincera e inteira.

Termo esse trabalho emocionada com tudo que vivi e reencontrei. E sigo minha trilha mais sensível e aberta para as surpresas de tantos brincares que ainda quero encontrar.

Se existe um propósito em minha vida e se houve um chamado para que eu me realinhasse, este foi o caminho. O que percorri com desafios e alegrias, surpresas e dúvidas.

Essa foi a maneira que encontrei de dar vez e voz às crianças, protagonistas dos relatos que eu pude contar, a partir do que fui capaz de alcançar nas entrelinhas de brincares que se fizeram surpreendentes.

Eu honro cada uma dessas crianças, inclusive a minha e a sua.

Alecrim Dourado
Domínio público



Foto nº 19 - Ilustração Andrea Bargas, 2019

Alecrim dourado
Que nasceu no campo sem ser semeado
Alecrim dourado
Que nasceu no campo sem ser semeado

Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo era é o alecrim
Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim

Alecrim dourado
Que nasceu no campo sem ser semeado
Alecrim dourado
Que nasceu no campo sem ser semeado

Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo era e o alecrim
Foi meu amor que me disse assim
Que a flor do campo é o alecrim

Alecrim

7. BIBLIOGRAFIA

EATON, H. Honrar a criança e a religião: questões e *insights*. 2015, In CAVOUKIAN, R., OLFMAN, S. **Honrar a criança: como transformar este mundo**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

FRIEDMANN, A. **Linguagens e culturas infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

FRIEDMANN, A. **O olhar antropológico por dentro da infância: adentrando nas casinhas das crianças**. In Território do brincar; diálogo com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

GAINZA, V. H. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1988.

HILLMAN, J. **O código do ser: uma busca do caráter e da vocação pessoal**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

KRAMER, S. A autoria e a autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa – Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LEITE, A. C. A.; PIORSKI, G. **Educação dos Sentidos**, São Paulo: Instituto Alana, 2018.

LOMBARDO, L. Como foi construída a Muralha da China? In **Revista Super Interessante**, On-line, 2009.

MÁRSICO, L. O. Educação musical: o experimentar antes do compreender. A criatividade e o exercício da imaginação. In **Revista da ANPPOM - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 52-59, dez. 1989.

MEIRELLES, R. **Território do brincar: diálogos com escolas**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

MONTEIRO, A. T. M.; CARVALHO, L. D. As coisas que não têm nome são mais pronunciadas por crianças: culturas infantis e produção simbólica. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – FURB - Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v. 6, n. 3, p. 632-657, set./dez. 2011.

NOVAES, I. C. **Brincando de roda**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

SILVA, A. L. Agonias de um pesquisador numa abordagem envolvendo crianças: reflexões advindas de Catingueiras - PB. **Revista de Psicologia da Unesp**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 86-97, abr. 2014.